

REFLEXÃO DA TRADUÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA RETEXTUALIZAÇÃO

Mayelli Caldas de Castro^{1*}

Resumo: Este artigo tem como objetivo geral fazer uma reflexão do ato tradutório considerado como “Retextualização” baseada na hipótese defendida por Neuza Gonçalves Travaglia (2003). Pretendemos discutir a atividade de traduzir enquanto (re)produção textual, ou seja, produção de um novo/mesmo texto que originou-se de uma língua diferente; analisar as fases do processo de produção textual, mais especificamente em relação às operações realizadas na produção de um texto original, isto é, a partir da construção de sentidos; reconhecer e examinar os fatores de textualidade que contribuíram para o processo de tradução e também os fatores lingüísticos e extralingüísticos. Trata-se de uma análise textual, com suas fases de produção e, conseqüentemente, de co-produção. Procurou-se a abordagem de textos com finalidades didáticas. O gênero textual é a charge, assim, o *corpus* a ser analisado é uma questão de vestibular da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense – RJ). Na questão há três charges seguidas de suas respectivas traduções.

Palavras-chave: Tradução; Produção Textual; Textualidade; e Retextualização.

Abstract: This essay presents translation as “Re-Textualisation”, in accordance to Neuza Gonçalves Travaglia (2003). We will therefore discuss the activity of translation as a text (re)production, that is to say, a production of a new/same text that has its source from a different language; to analyze the phases of the process of the text production and, especially the operations that took place in the original text production, in other words, in the construction of meanings; to recognize and examine how the factors of Textuality contributed to the translation process and also the linguistic factors and the extra-linguistic ones. This is about text analysis, with its phases of production and, consequently, of co-production. It was intended the approach of texts with educational purposes. The text genre is the comic strip, thus, the *corpus* to be analyzed is a question from the Admission Test of UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense – RJ). On the student test page, there are three comic strips followed by their translations.

Key-words: Translation; Text Production; Textuality; and Re-textualisation.

¹ * Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória/ES, Brasil. E-mail: mayellicastro@yahoo.com.br

Com visões das mais variadas possíveis, a tradução tem sido objeto de discussão de muitos estudiosos. Muitos a adotam como um processo mecânico de transferência ou transposição de linguagem, como conversão de signos incompreensíveis para compreensíveis, como decodificação, equivalência, enfim, como substituição de um código por outro. Com tantas tendências acerca das várias teorizações existentes sobre a tradução, percebe-se o surgimento de dicotomias, ou seja, confronto, dualidade: “fidelidade e criatividade”, “denotação e conotação”, “literalidade e obliquidade”, “sentido literal e sentido figurado”, “traduzível e intraduzível”, “autor e tradutor”, “forma e sentido”, dentre outras.

Como afirma Arrojo (1986, p.10), ao tentarmos refletir sobre os mecanismos de tradução, estaremos lidando também com questões fundamentais sobre a natureza da própria linguagem, já que a tradução implica uma definição dos limites e do poder dessa capacidade tão “humana” que é a produção de significados. Muitos pesquisadores examinam diversos tipos de textos traduzidos com o intuito de descobrir os passos que o tradutor percorreu durante o processo. Nesta expectativa, é necessário rever o conceito de tradução que, segundo Arrojo (1986, p. 22), “não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra [...]”.

Sendo assim, partindo da teoria da desconstrução, há autores que tomam a tradução como um processo de criação, que sempre comunica uma interpretação, como Derrida (2002), por exemplo, para quem traduzir é interpretar, é conduzir para, numa mesma língua ou não (intralingual ou interlingual).

Contudo, é justamente uma reflexão acerca do ato tradutório que se propõe aqui, tendo como base a teoria de “Retextualização” proposta por Neuza Gonçalves Travaglia. Esse termo foi empregado por Travaglia, em 1993, para fazer referência à tradução interlingual (de uma língua para outra). O termo foi empregado por Costa (1992), que também trata a questão da tradução sob o aspecto da retextualização e em trabalhos com procedimentos diferentes como: a refacção ou reescrita (ABAURRE, 1995) e a transformação de textos orais em textos escritos, segundo a concepção de Marcuschi (2001). Neste trabalho, a retextualização é tomada em seu primeiro sentido, proposto por Travaglia, que reflete a atividade tradutória numa perspectiva textual, ou seja, propõe uma reflexão da tradução enquanto trabalho com o texto, realidade existente em uma determinada língua, que passará a existir como texto em outra língua. Nessa proposta, a tradução, como produção textual, considera que todos os fatores linguísticos e extralinguísticos da textualidade co-existem e se articulam nos diversos planos, tanto no universo da língua de partida como no da língua de chegada.

A hipótese básica defendida por Travaglia é de que a “produção original é desta forma uma textualização, uma *‘mise en texte’* e a produção da tradução é uma retextualização, produção de um novo/mesmo texto em uma língua diferente daquela em que foi originariamente concebido”. A tradução, vista sob este ângulo, considera que o texto não pode ser só produto, mas também processo, já que só existe pelo processo de composição e de leitura.

Desse modo, segue-se, então, uma proposta de investigação do ato tradutório através de traduções feitas e comparadas aos textos de partida, ou segmentos dos mesmos. Também se incluem nos objetivos: discutir a atividade de traduzir enquanto (re)produção textual, ou seja, produção de um novo/mesmo texto que originou-se de uma língua diferente; analisar as fases do processo de produção textual e, mais especificamente em relação às operações realizadas na produção de um texto original, isto é, a partir da construção de sentidos; e, por fim, reconhecer e examinar os fatores de textualidade que contribuíram para o processo de tradução e também os fatores linguísticos e extralinguísticos. Trata-se de uma análise textual, com suas fases de produção e, conseqüentemente, de co-produção.

A respeito da hipótese defendida por Travaglia, a de que a tradução é uma retextualização, é importante ressaltar os fatores de textualidade como determinantes no ato tradutório e responsáveis pelas escolhas do tradutor. Portanto, nas hipóteses levantadas na análise em questão, o enfoque é sobre as interferências desses fatores e de sua relação com as condições de produção. Mas não somente os fatores de textualidade como também se observou a interpretação do tradutor como determinante no processo de ‘criação de sentidos’, bem como a ‘intenção’ desse tradutor ao fazê-lo. Conseqüentemente, a interpretação do tradutor acontece tanto no momento da leitura quanto no momento da produção do seu texto – que é um “novo” texto. Desse modo, é nessa interpretação que o tradutor coloca um pouco de si – ou coloca seu objetivo – neste novo texto, e o original, por sua vez, mantém-se em constante processo de transformação e “se dá modificando-se [...], ele vive e sobrevive em mutação”, assegura Derrida (2002, p. 38), reservando sempre uma surpresa ao tradutor.

Reflexões Teóricas

Balizada por um texto-fonte, durante toda a sua história, principalmente no que concernem os textos literários e religiosos, a tradução apresentou um conflito entre dois pólos:

de um lado, a tradução literal e a fidelidade da forma; e, de outro, a tradução livre, que prioriza o conteúdo. A dualidade se coloca então entre a tradução de palavra por palavra ou a de sentido por sentido, ou seja, separação entre tradução “fiel” ou “literal”, única aceitável para os escritos sagrados, e tradução “livre”, admitida para os demais textos.

As décadas de 80 e 90 foram fundamentais para o incremento dos Estudos da Tradução. A partir das três últimas décadas, esses estudos percorreram diferentes abordagens e sofreram inúmeras mudanças de ênfase. Várias são as tentativas de compreensão do processo tradutório através de aproximações com as diferentes visões sobre o fenômeno, vindas do campo da lingüística, até os métodos e modelos interpretativos que, tomando de empréstimo do vasto campo dos Estudos da Linguagem as nuances entre os conceitos de língua e linguagem, procuram dar um passo mais além dos procedimentos técnicos resultantes das traduções, e propostos por estudiosos ligados à ciência lingüística.

Nida (1964) buscou algumas reflexões na lingüística e na etnologia para tecer considerações sobre a tradução; John Catford publicou, em 1965, um estudo sobre a tradução à luz da teoria lingüística. Ele partiu do princípio de que se devia estudar a atividade tradutória através de categorias descritivas, próprias da lingüística, uma vez que se fazia um uso equivocado da tradução como método de ensino de línguas, o chamado Método Gramática-Tradução, lançando-se mão, segundo o autor, de “má gramática e má tradução” (CATFORD, Prefácio).

Outro pesquisador, o francês Georges Mounin, ao fazer um balanço do conjunto das correntes lingüísticas que se desenvolviam, procurava entender, em sua tese de 1963, a possível eficácia de cada uma das mesmas no enfoque da tradução.

Mounin (1963, p.191), ao falar das várias visões do mundo, trata da questão dos universais da linguagem, isto é, daqueles pontos em que haveria certa coincidência, certa homogeneidade na visão do mundo entre os homens pelo fato de que todos somos “seres humanos, habitantes do mesmo planeta”. Esses universais determinariam uma maneira mais ou menos comum para todos os povos de dividir o mundo e esta divisão teria reflexo na língua de cada povo principalmente no que se refere ao vocabulário, como nos sugerem os exemplos dados por ele. Isto acarretaria um certo paralelismo entre os vários idiomas. São os universais cosmogônicos, universais ecológicos, universais biológicos, universais psicológicos, universais lingüísticos, universais culturais e outros. Esta visão tornaria possível a tradução de qualquer língua para qualquer língua, no entanto, cada cultura filtra esta visão e distribui componentes comuns de maneira diferente. Assim, mesmo o que é comum não é

visto, percebido e vivido de forma idêntica por duas culturas, portanto a “equivalência será sempre relativa” (Travaglia, 2003, p.81).

Colocando a tradução numa relação texto a texto, amplia-se a concepção do processo tradutório e aponta-se para elementos que não os especificamente lingüísticos. Segundo Cary (apud Travaglia, 2003, p.42), “o estudo lingüístico permanece sempre como uma condição prévia, nunca como uma explicação exaustiva da natureza profunda da operação de traduzir”.

Na teoria defendida por Travaglia, ela afirma que:

Ao traduzir (retextualizar em outra língua), o tradutor deve antes de mais nada ter em mente deixar abertos os caminhos da interpretação, embora, naturalmente sua tradução reflita sua própria interpretação e espelhe o sentido que para ele é, por assim dizer, o mais importante no original. (2003, p.40)

A autora dá destaque especial em sua obra a três posicionamentos teóricos: a) à teoria interpretativa proposta pelos integrantes da ESIT (*École Supérieure d' Interprètes et de Traducteurs*) de Paris, na qual é destacada a divisão, forma e conteúdo, com privilégio para o conteúdo; b) às colocações de Rosemary Arrojo em “*Oficina de Tradução*” e outros escritos, onde se destaca a tradução como produtora de sentidos; e c) à teoria de Meschonnic cujo ponto de fundamental importância é o conceito de “*form-sens*” (forma-sentido).

Segundo Travaglia, essa base teórica forneceu pistas que a fizeram avançar em direção à proposta da tradução como retextualização. A autora deixa claro que se afastou propositalmente das teorias reestruturadas prioritariamente como técnicas ou procedimentos técnicos, já que seu objetivo era examinar o que realmente ocorre no processo tradutório e não elaborar um método de tradução (2003, p.34).

Diante disso, pode-se deduzir que definir tradução, produto e processo, não é tarefa simples, pois engloba e pressupõe posicionamentos teóricos sobre outras realidades tais como: língua, discurso, forma, sentido, texto, autor, leitor, citando as mais evidentes. Neste caso, a tarefa de traduzir envolve muito mais elementos do que simplesmente uma decodificação ou uma explicação de textos em outra língua.

Logicamente a barreira lingüística acaba sendo vencida, mas não no sentido de substituição de um código por outro, e sim no sentido de “universo textual discursivo a universo textual discursivo” (Travaglia, 2003, p.45). Assim, tradução é discurso, não deve ser situada no plano da língua, mas no plano do “contato dos conteúdos com a língua”, portanto no plano discursivo.

Delisle (1984, p.88-94) também faz questão de sublinhar que “traduzir não é comparar” e que há uma diferença fundamental entre “tradução de língua” e “tradução de texto”, a tradução da língua é um “exercício comparativo” e a tradução de texto, um “exercício interpretativo”. Numa das definições de Delisle pode-se ler que a tradução é uma “operação intelectual que consiste em reproduzir a articulação de um pensamento em um discurso” (Delisle, 1984, p.44).

Porém, nessa concepção faz-se uma separação radical entre língua e discurso, o que pode não ser pertinente, uma vez que “a língua só existe discursivamente e o discurso, tal como o pensamos, só é viável lingüisticamente” (Travaglia, 2003, p.49).

Assim, a autora exclama que:

Língua e discurso são assim inseparáveis. A tradução na verdade só será possível discursivamente; para traduzir é indispensável compreender e interpretar e estas operações só são realizáveis dentro do domínio discursivo. (Travaglia, 2003, p.49)

Daí parte a reflexão sobre a construção de sentido, a partir do discurso, do diálogo, do vai e vem comunicativo que é tecido entre os interlocutores. Não existe em estado puro, “a priori”. “O sentido é construído a partir do conflito entre o querer dizer do produtor e o que reconhece do receptor, uma coisa estando imbricada na outra”. (Travaglia, 2003, p.51)

Neste ponto da reflexão Travaglia (2003) cita Arrojo (1986) como questionadora das abordagens tradicionais sugeridas pelas teorias da tradução de Catford, Nida e Tyler, que basicamente vêem o texto como objeto estável, depositário de significados objetivamente delimitáveis e consideram a tradução como transporte, transferência desses mesmos significados de um texto para outro texto, ou de uma língua para outra língua. (2003, p.54)

Arrojo redefine o texto não como a representação fiel de um objeto estável que possa existir “fora do labirinto infinito da linguagem”, mas como uma “máquina de significados em potencial” (Arrojo, 1986, p.23). Nessa perspectiva, a tradução passa a ser uma atividade “produtora” de significados. As proposições de Arrojo consideram o leitor como aquele que produz os significados “a priori” presentes no texto.

Entretanto, Travaglia aponta Henri Meschonnic como o responsável por colocar a tradução de textos na poética que, para ele, é a “teoria do valor e da significação dos textos”. (apud Travaglia, 2003, p.56). O ponto principal da teoria de Meschonnic é o conceito de “*form-sens*” como unidade dialética e não como dois conceitos justapostos.

Travaglia, ao citar Meschonnic e interpretar sua teoria, deixa claro que essa é, sem dúvida, a maior base teórica para sua hipótese de retextualização. Percebe-se isso claramente no trecho abaixo em que ela cita Meschonnic e comenta a citação:

Assim, o texto deve ser considerado como um todo e a textualidade será o princípio segundo o qual a unidade não está em elementos isolados mas na passagem inteira. “Neste todo que é um texto, a palavra não tem um sentido, é o texto que é o sentido da palavra, todo o texto em todos os sentidos” (Meschonnic, 1973, p.62). Desta forma, é como um todo que o texto deve ser traduzido: “quando há um texto, há um todo, traduzível como um todo” (Meschonnic, 1973, p.349). Esta totalidade é o texto, “*form-sens*”, dentro da literatura, dentro da história, dentro da cultura; a tradução deve assim ser considerada não como uma anexação, mas como uma “relação entre duas culturas – línguas”, sempre na relação texto a texto (Travaglia, 2003, p.57).

Da construção de sentido à Textualização/Retextualização

Esse estudo consiste em uma proposta teórica sobre a tradução utilizando elementos da Linguística Textual. Isso porque como afirma Adam (2008, p.321) “a unidade não é a palavra, mas o texto [...]. Assim, uma tradução é apenas um momento de um texto em movimento. Ela é, inclusive, a imagem de que ele nunca acaba. Ela não poderia imobilizá-lo”. Ao fazer essa afirmação, Jean-Michel Adam assegura ao texto seu caráter interativo e reforça também a teoria de que a tradução só pode ser analisada enquanto processo de produção textual e, assim, vai ao encontro do que defende Marcuschi sobre o material lingüístico a ser analisado:

Todos nós sabemos que a comunicação lingüística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos. E os textos são, a rigor, o único material lingüístico observável. (Marcuschi,2008, p.71)

Se a tradução é um “texto em movimento” como afirma Adam, ela está sempre sendo reconstruída à medida que se façam novas interpretações. Assim, pode-se afirmar que se trata de um ato de comunicação. Paraphraseando Marcuschi, torna-se indispensável aqui sua noção de texto que “pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico” (2008, p. 72). Ainda de acordo com Marcuschi, pode-se afirmar que “texto é uma reconstrução do mundo e não uma simples

refração ou reflexo”. Nessa concepção, Marcuschi prova que o texto refrata o mundo na medida em que o reordena e o reconstrói.

Parece-nos interessante essa passagem de Marcuschi, pois ela atinge também a tradução (vista numa abordagem textual). Seria ousado (no entanto apropriado) defender que a afirmação também se enquadraria nessa reflexão acerca da tradução já que o tradutor, através do texto, reordena e reconstrói o mundo na medida em que faz suas escolhas para formar outra unidade de sentido (outro texto) com a substância de conteúdo do texto anterior.

Na obra de Marcuschi sobre produção textual, ele afirma que a LT (Linguística Textual) distingue entre *sentido* e *conteúdo* e não tem como objetivo uma análise de conteúdo, já que isto, segundo ele, é objeto de estudo de outras disciplinas. “O conteúdo é aquilo que se diz ou descreve ou designa no mundo, mas o sentido é um efeito produzido pelo fato de se dizer de uma outra forma esse conteúdo” (2008, p.74). Então, o sentido é um efeito do funcionamento da língua quando os falantes estão situados em contextos sócio-históricos e produzem textos em condições específicas.

Assim, na tradução procura-se manter o conteúdo, porém o sentido vai depender dos aspectos cognitivos, pois é a partir deles que o produtor/tradutor vai interpretar e, conseqüentemente, reconstruir o mundo à sua maneira, e depois vai (re)escrever esse mesmo conteúdo fazendo uso de estratégias e escolhas que vão determinar o efeito de sentido que ele pretende a fim de situar seu texto em um outro contexto sócio-histórico. Enquanto na produção do texto original não há regras que dizem qual o conteúdo que deve necessariamente se seguir a outro determinado conteúdo numa seqüência textual, no processo tradutório é necessário que se mantenha o conteúdo e uma seqüência textual lógica desse conteúdo, em relação ao texto original.

Visando apenas o conteúdo, a tradução seria tida como uma atividade ‘totalmente’ dependente do texto original. Mas com o advento das novas teorias, em especial o surgimento da Linguística Textual, e também com as análises cognitivas que buscam estudar e explicar o sentido, podemos refletir a tradução como uma atividade independente, pois é a construção de sentido, tendo em vista seu funcionamento e seu efeito em determinada comunidade, que vai determinar as escolhas feitas pelo tradutor.

Sendo assim, torna-se necessário ter em mente a noção de texto e de seus constituintes de textualidade. Beaugrande (1997, p.10) postula a noção de que “texto é um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas”. Vale dizer que o texto ativa estratégias, expectativas, conhecimentos lingüísticos e não lingüísticos.

Em suma, se a tradução é produção textual, deve-se levar em conta os mesmos elementos como determinantes dessa produção, isto é, se o texto original ativa tais elementos, a tradução (novo texto) deve também ativá-los. Travaglia afirma que “o ato de traduzir tem que levar em conta não apenas os elementos lingüísticos em si, mas como eles funcionam discursivamente dentro de um texto” (2003, p.142).

No que concerne à produção, um texto, enquanto unidade comunicativa, obedece a um conjunto de critérios de textualização, já que, segundo Koch (1984, p.21-22) “todo texto caracteriza-se pela textualidade, rede de relações que fazem com que um texto seja texto (e não simples somatória de frases) revelando uma conexão entre as intenções, as idéias e as unidades lingüísticas que o compõem [...]”.

Na análise textual e da retextualização devemos levar em conta as fases de produção. Desta forma, faz-se uma busca de pistas lingüísticas que atestam as escolhas do tradutor, e não somente de pistas lingüísticas, mas também uma busca dos elementos textuais (coesão e coerência), do conhecimento de mundo, conhecimentos partilhados, informatividade, focalização, inferência, relevância, fatores pragmáticos, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Esse trabalho considera fatores de ordem sócio-históricoideológico- cultural e lingüístico. Tal característica é de grande relevância, pois traduzir não pressupõe apenas o domínio do sistema da língua.

A concepção da tradução como retextualização acrescenta ao estudo do processo tradutório os instrumentos de reflexão da lingüística textual e da análise do discurso, proporcionando uma releitura da própria tradução enquanto teoria e enquanto prática.

Sendo assim, a tradução tida como um processo de retextualização dentro de um funcionamento discursivo leva em consideração não só o texto como objeto materializado, mas também a situação imediata de produção, a situação como contexto sócio-histórico e ideológico mais amplo, o sujeito.

Nessa abordagem, Travaglia baseou-se principalmente na leitura dos critérios de textualidade de Beaugrande e Dressler feita por Koch e Travaglia (1989). A autora defende que as etapas da tradução vão ser semelhantes às etapas da produção de um texto:

O que acontece na tradução é, desta forma, algo semelhante ao processo de produção de qualquer texto: o tradutor constrói o sentido a partir de um texto original; o sentido assim construído por ele transforma-se na sua intenção comunicativa; em seguida o tradutor planeja globalmente a tradução do texto levando em conta os elementos constitutivos da textualidade e buscando além disso estabelecer a coerência entre o original e a tradução e por fim realiza a fase por assim dizer

concreta, palpável da retextualização, da “remise en text”, utilizando-se dos elementos que lhe oferece a língua com a qual está trabalhando. Traduzir supõe assim uma representação dos processos de produção de textos. (Travaglia,2003, p.68)

Dado o exposto, propõe-se aqui uma análise de uma questão de vestibular da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense - RJ), ocorrido em dezembro de 2008. Nessa questão, aparecem três charges escritas em inglês seguidas de suas respectivas traduções (intituladas pelo elaborador como “tradução livre”). O objetivo principal da questão era promover uma reflexão sobre os problemas atuais da agricultura. A prova foi disponibilizada por uma candidata do vestibular da UENF para o curso de Agronomia.

Portanto, segue abaixo a questão proferida:

Questão 43

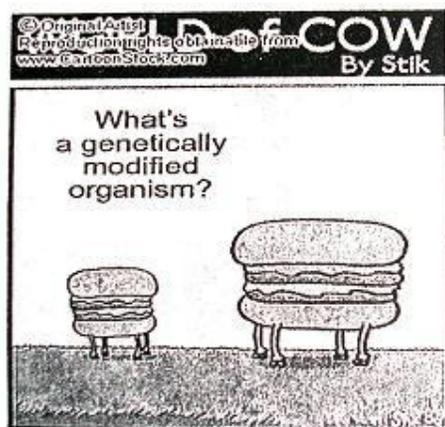
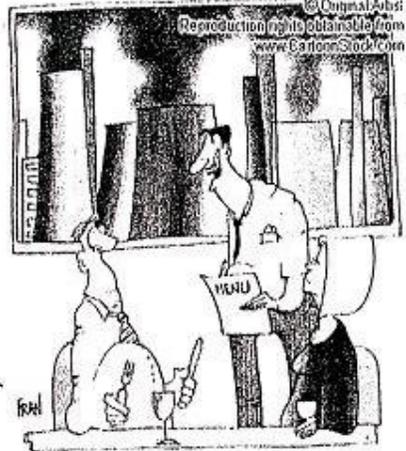
As situações descritas nas charges nos remetem a problemas atuais da agricultura EXCETO:

- a) À modificação de alimentos por meio da engenharia genética e riscos que isso pode acarretar à saúde humana.
- b) À ação de grandes companhias do setor e dos lucros advindos dessa atividade.
- c) Ao conjunto de transformações ocorridas nas atividades agrícolas nas últimas décadas e à tendência à tecnificação de processos e produtos.
- d) Aos processos de industrialização e transformação nos hábitos de consumo de alimentos.
- e) Às tendências à diversificação e expansão do emprego no setor primário.

(resposta certa: letra E)

Observe as charges a seguir retiradas do site *www.cartoonstock.com*. Há uma tradução livre ao lado de cada charge.

Homem: O que houve com aquele tempo quando, no caminho de volta para casa, eu podia



parar meu carro diante de uma “feirinha” de fazendeiros?

Senhora: O que houve com aquele tempo quando nós fazendeiros tínhamos “feiras” na cidade e as pessoas, quando iam para casa, paravam seus carros para comprar nossos produtos?

Menino: O que são fazendeiros?

ALL OUR PRODUCE IS LOCAL ... I'D RECOMMEND THE BATTERY CHICKEN BAKED IN HYDROGENSULPHIDE WITH POLYMORPHENE

Todos os nossos produtos são locais... Eu poderia recomendar o assado de frango em bateria de hidrogeniosulfido com polimorfina.

O que são produtos geneticamente modificados?

Será explicitada aqui uma análise sobre como alguns dos critérios citados nos pressupostos teóricos acima parecem mais influenciar as escolhas do tradutor e sobre como tais escolhas interferem na interpretação (produção de sentido).

Para começar, partimos em busca do *site*² proferido no título da questão, na tentativa de colher mais informações sobre o estilo das *charges* e *cartoons* contidos nele. Constatamos que se tratava de um endereço eletrônico americano que vendia seus *cartoons* e *charges*, não sendo possível a aquisição deles sem pagamento. Esse aspecto tornou-se interessante, pois daí não foi possível encontrar as *charges* que aparecem nesta questão, pois elas já haviam sido vendidas.

Partindo, então, para uma rápida descrição das imagens contidas nas *charges* escritas em inglês, sem considerar suas retextualizações, observamos que cada uma delas pertence a um autor diferente, ou seja, elas apresentam estilos gráficos diferentes, bem como o estilo verbal.

Levando em consideração o aspecto semiótico³, relacionado às imagens, percebe-se que o primeiro autor sempre apresenta uma imagem “envelhecida” em seus trabalhos, com personagens caracterizados por uma roupa mais antiga. Por exemplo, percebemos essa característica também na primeira *charge* da questão de vestibular. Já o autor da terceira *charge*⁴ apresenta sempre *charges* relacionadas ao mundo das vacas, como podemos observar o título “*world of cow*” (algo como: o mundo das vacas). Observamos, na imagem, dois hambúrgueres representando vacas no pasto. Em relação à segunda *charge*, o autor parece querer abordar um mundo moderno e cinza, isto é, a poluição e o estrago ao meio ambiente como resultado da modernização. Temos então uma rápida reflexão acerca das imagens como componentes semióticos que muito influenciarão na leitura das *charges*, na verdade são aspectos marcantes tanto para a interpretação em inglês como na tradução.

De fato, o que percebemos é que as três *charges* foram produzidas com propósitos diferentes. Tendo isto em mente, vemos que a primeira parece querer mostrar que, com a modernização, houve uma desvalorização da figura do agricultor (ou fazendeiro), visto que as novas gerações nem sequer reconhecem essa figura na sociedade.

Ao usar a expressão inicial “*what happened to the days...*” o texto nos remete a uma época longínqua, que existia há algum tempo, mas que agora não existe mais. E, ademais, essa ideia é concretizada com a imagem da senhora e do homem com seus estilos antiquados,

² Este *site* oferece *charges* e *cartoons* de vários cartunistas diferentes.

³ Semiótica no sentido preconizado por Halliday & Hasan (1985). Neste aspecto, a semiótica trata de todos os sistemas de signos (de significados).

⁴ Ele apresenta-se como “Stik”.

e o menino com uma representação mais moderna, que poderia ser indicada pela imagem do boné para trás. A ironia desse texto está justamente na escolha da pergunta: “*What are farmers?*”, ou seja, a pergunta quebra o sentimento de nostalgia apresentado pelos dois primeiros personagens no uso da expressão inicial (“*What happened to the days..?*”).

Vemos que a coerência e a situacionalidade do primeiro texto se dá por uma realidade existente em uma região onde as pessoas não valorizam mais o trabalho de agricultores, não havendo mais espaço para eles no mundo moderno. Parece que essa é uma realidade presente no país de origem dessa charge, no caso os Estados Unidos. Ou seja, nos quesitos coerência e situacionalidade, a charge demonstra se encaixar no contexto de situação desse país. Observe-se, também, que a intenção do autor é de fazer uma crítica e chamar a atenção para esse aspecto.

No segundo texto em inglês, vemos que a ironia está justamente no início, quando eles utilizam a expressão “*all our produce is local*”, isso porque, quando falamos de produtos naturais e orgânicos, geralmente ouvimos esse tipo de afirmação como propaganda.

Outra escolha especial é a expressão “*Battery Chicken*”, pois é esse um termo técnico vindo do inglês, também utilizado em português para representar um tipo de criação de frangos. É necessário destacar, em relação a esse termo, que não se trata de uma expressão que qualquer falante comum entenderia, mas sim de um termo técnico utilizado por um grupo.

Nessa charge a intencionalidade parece estar ligada a essa crítica e à ironia em relação ao que comemos, ou seja, comida industrializada, porém essa comida está cheia de componentes químicos altamente prejudiciais à saúde. Em relação à coerência e à situacionalidade essa é, sem dúvida, uma charge que se encaixa tanto à realidade do país de origem quanto ao nosso, visto o legado do mundo globalizado.

Na leitura da terceira charge, observa-se uma “conversa” entre um hambúrguer e outro (que estariam representando vacas). Quando um pergunta ao outro “*What’s a genetically modified organism?*”, percebe-se que a ironia se faz com a formação da pergunta feita por um hambúrguer menor, que poderia ser interpretado como um organismo que não fora geneticamente modificado, por isso o seu tamanho “inferior”. Daí, conclui-se, a julgar pela imagem, que o outro (hambúrguer/vaca/personagem) fora geneticamente modificado, justificando assim seu aspecto maior e mais vistoso. Isto indica, mais uma vez, quanto o aspecto semiótico interfere na interpretação e está diretamente ligado à construção de sentido. Esta charge representa também uma realidade existente no mundo moderno de muitos países, como o de origem da charge e o nosso.

Agora, para uma reflexão mais completa, iremos analisar toda a questão, considerando os textos em inglês e as retextualizações, bem como a elaboração da questão como um todo.

Desse modo, torna-se um imperativo destacar a intencionalidade como o critério primordial para a elaboração da questão e, conseqüentemente, da tradução, já que se trata de uma questão de vestibular. Tendo em vista o entorno sócio comunicativo e a situação em que se dá a comunicação, a intenção de quem produziu o texto traduzido foi decisiva nesse processo. Isso significa que o tradutor (e talvez o elaborador da questão) o fez com a intenção de levar o candidato do vestibular a uma reflexão sobre os problemas atuais da agricultura. Mesmo se o tradutor não for quem preparou a questão completa, quem o fez deve ter, no mínimo, pedido ao tradutor que “guiasse”, por meio de seu texto traduzido, o vestibulando a essa reflexão.

É importante lembrar que Adam (1999, p. 41) observa que, até os anos 80, a Linguística Textual tratava o texto em suas propriedades co-textuais e, a partir dessa década, já define o texto como um evento comunicativo, tal como o fazem Beaugrande e Dressler (1981), deslocando o foco para a questão pragmática com a análise da intencionalidade e, particularmente, da situacionalidade. Vai-se do co-texto ao contexto. Halliday & Hasan (1985) também atribuem essa importância ao contexto.

Assim, voltando à análise do critério contextual intencionalidade, é importante observar que, ao lermos as três charges em língua inglesa e lermos suas traduções e em seguida a questão completa, fica claro que as intenções dos autores das charges (dos textos originais) podem ter sido diferentes das do tradutor e das do elaborador da questão, portanto os critérios pragmáticos não serão os mesmos. Se considerarmos o gênero ‘charge’ como um gênero que se caracteriza comumente por ironizar, criticar, satirizar e/ou provocar humor a partir de algum tema ou aspecto da sociedade, vemos que a temática das charges pode guiarnos para posicionamentos reflexivos diversos, isto é, a intenção “original” desses textos pode ter sido fazer crítica e chamar atenção sobre outros problemas enfrentados pela humanidade que não necessariamente (e somente) os da agricultura.

As charges por si mesmas podem nos levar a contextos e interpretações diversas. A tradução, então, torna-se aí como um guia para o vestibulando, o qual vai conduzi-lo a uma reflexão específica sobre a agricultura (considerando que o estudante vai ler primeiro a questão toda antes de respondê-la), reflexão essa que, conseqüentemente, o levará à alternativa correta.

Ao falar de intencionalidade como um princípio de textualidade que se destaca nessa questão de vestibular, devemos pensar em outro princípio relevante que surge em consequência dessa intencionalidade: é o princípio da aceitabilidade, pois levamos em conta o que o preparador dessa questão “intencionou” e como os vestibulandos “aceitaram” aquele resultado. Assim, destacam-se esses dois princípios em ação, a intencionalidade e a aceitabilidade como determinantes nessa tradução. Na verdade, a aceitabilidade, enquanto critério de textualidade, parece ligar-se a noções pragmáticas e ter uma estreita interação com a intencionalidade, como lembrou Beaugrande (1997, p.14).

Outro fator que deve ser destacado aqui é o da situacionalidade que, segundo Beaugrande (1981, p.15), “refere-se ao fato de relacionarmos o evento textual à situação (social, cultural, ambiental, etc.) em que ele ocorre”. Para completar essa ideia, cita-se Marcuschi, que defende que “a situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual” (2008, p.129). Nesse sentido, imaginemos que a questão analisada ocorre dentro de uma situação controlada e orientada, e, assim, conseqüentemente, a tradução também ocorre nas mesmas circunstâncias.

No entanto, se a situacionalidade é uma forma particular de o texto se adequar tanto a seus contextos como a seus usuários, poderíamos afirmar que a primeira charge pode ter fugido a essa proposta. Isso porque, no Brasil, cultivamos a cultura de comprar em “feirinhas” de produtos rurais, e isso ocorre mesmo em cidades maiores.

No entanto, se pensarmos também na coerência do ponto de vista do leitor, como propõe Marcuschi, quando afirma que “a coerência não é uma propriedade empírica do texto em si [...] mas ela é um trabalho do leitor sobre as possibilidades interpretativas do texto” (2008, p.127), veremos que, ao refletirmos sobre a coerência, juntamente com a situacionalidade, é possível inferir significado ao enunciado da primeira charge e, também, entender o discurso. Porém, o problema parece estar na situacionalidade já que, tendo em vista a situação cultural do nosso país, é estranho pensar em muitas pessoas que não conheçam e não saibam o significado da palavra “fazendeiros” (*farmers*) e/ou nunca tenham visto uma “feirinha” de produtos rurais. A partir desse elemento de textualidade (a situacionalidade), é possível refletir melhor sobre essa questão e chegar à conclusão de que ela poderia causar certa estranheza aos estudantes, especialmente porque a maioria dos que estavam fazendo tal prova tinham conhecimentos de agronomia, e muitos, provavelmente, fossem provenientes do meio rural.

Analisando dessa forma, podemos dizer que a primeira charge, que originalmente está escrita em inglês e que vem de um site estrangeiro, deve estar adequada à situação de seu país de origem, ou seja, ela representa um problema atual da agricultura local, condizendo com a realidade à qual pertence. No entanto, a escolha dessa charge, como representação de uma realidade brasileira, foge a essa percepção, pois é fato que, aqui no Brasil, ainda cultivamos essa cultura e de que, provavelmente, os estudantes que prestavam o vestibular não se sentiriam familiarizados com essa crítica.

No que concerne ao fator de intertextualidade, sabe-se que atualmente há muitas discussões e estudos quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, já que nenhum texto se acha isolado e solitário. Nesse sentido, afirma-se, portanto, que há intertextualidade nos textos traduzidos em questão, mesmo porque, como afirma Marcuschi (2008, p.130), “a intertextualidade é um fator importante para o estabelecimento dos tipos e gêneros de texto na medida em que os relaciona e os distingue”.

Segundo Koch (1991, p.530), num sentido amplo, a intertextualidade é uma “condição de existência do próprio discurso”. Podemos destacar, então, a intertextualidade enquanto fator que influencia na escolha do gênero e como “condição de existência do discurso”, de acordo com o que afirma Koch, e, também, como condição de existência da própria tradução. Entretanto, não destacaremos, nessa análise, a intertextualidade como fator de maior influência.

A respeito da escolha vocabular na tradução, percebe-se que alguns vocábulos podem influenciar diretamente o grau de informatividade do texto, a julgar pelas possíveis interpretações do leitor-alvo. Na primeira charge a palavra “*farmers*” é traduzida em seu sentido literal (fazendeiros). No entanto, para algumas regiões do Brasil, essa palavra pode remeter a um sentido de “pessoa rica com muitas posses e uma grande fazenda” e que essa pessoa não precisaria vender, pessoalmente, seus produtos numa “feirinha”. Para algumas comunidades rurais brasileiras, a tradução mais apropriada poderia ser “produtor rural” ou “agricultor”, pois ambas representariam melhor os donos de pequenas propriedades rurais que vivem de comércio de “feirinhas” e de forma modesta. Este é, sem dúvida, um exemplo que comprova que as palavras não possuem um significado estático, elas são passíveis de conotação e de toda a sorte de usos e interpretações.

Na segunda charge, a expressão “*battery chicken*”, em seu sentido literal, faz referência à criação de frangos em pequenas e apertadas grades e, portanto, sob condições

cruéis. “*Battery*” (numa terminologia técnica da agricultura) quer dizer “produção em série de frangos”. No entanto, na tradução em língua portuguesa, essa palavra aparece com um sentido de que o frango é “temperado” com químicas nocivas à saúde. Pode-se afirmar que o sentido proposto pela tradução funcionou, pois realçou a ironia na afirmação de que todos os pratos servidos são de procedência local e, ademais, se nos remetermos ao visual da charge, observaremos o fundo estampado com uma imagem de poluição industrial. Sendo assim, mais uma vez pensamos em como a “intencionalidade” é um fator decisivo no ato tradutório.

Ainda sobre a escolha vocabular, na terceira charge, o tradutor ao usar a palavra “produtos” para traduzir “*organism*”, abriu margem para a interpretação de qualquer produto, não apenas o orgânico, pois “produto” designa um termo geral (produto orgânico, industrial, etc.), visto que os produtos não-orgânicos não podem ser geneticamente modificados. A melhor escolha, nesse caso, poderia ser a tradução literal desse termo, ou seja, a palavra “organismo”.

Nesse ponto da reflexão, parece que ocorreu o contrário: as escolhas vocabulares do tradutor interferiram na função de alguns fatores de textualidade, atingindo diretamente a construção de sentido pelo leitor-alvo.

Ao usar o termo “*battery*” como o “tempero” e a forma de preparo do frango, poderíamos pensar que, no inglês, a charge provavelmente tem um sentido dúbio e, ao lê-la, o estudante teria que compartilhar esse conhecimento com o autor, isto é, de que o termo remete a um estilo de criação de frangos em série, e também que a expressão “*battery chicken*” possui uma semelhança sonora com “*battered chicken*”, a qual se trata de uma forma de preparo de frango (tipo milanesa), em uma linguagem culinária. Percebemos que este trocadilho é exclusivamente fonético, visto ser a escrita diferente, mas, no entanto, funcionou como recurso para a construção do humor da charge, já que propõe um sentido duplo.

Essa questão mexe com o grau de informatividade do estudante, bem como com seu conhecimento partilhado. A informatividade diz respeito ao grau de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e de incerteza dos textos oferecidos. Logo, essa expectativa se concretiza para o vestibulando (leitor-alvo) quando ele lê toda a questão e volta aos textos traduzidos para “guiar” sua reflexão a fim de buscar respostas.

Por fim, dentro dos critérios ditos de conhecimentos linguísticos, isto é, dos conceitos diretos e esclarecedores a respeito da coesão e coerência, considera-se as três charges coerentes porque desenvolvem algum tópico, ou seja, referem conteúdos. São igualmente

coesas porque se pode afirmar que os textos atendem a determinados requisitos (de coesão de acordo com a Linguística Textual) de sequencialidade textual.

Dessa maneira, as charges analisadas constituem-se na textualidade requerida. No entanto, as retextualizações, apesar de serem textos coesos e coerentes, demonstraram algum desvio no que concerne à situacionalidade principalmente, o que, de alguma forma, poderia afetar a coerência. Talvez, a primeira charge não tenha sido a melhor escolha para representar uma realidade de um país cuja agricultura é uma prática constante, ou seja, essa charge não representa fielmente o nosso quadro nacional. Porém, as demais charges estão, sim, de acordo com os problemas atuais, que facilmente seriam reconhecidos pelos estudantes.

Ao usar esses critérios definidores da textualidade para analisar a tradução feita nessa questão, temos subsídios para avaliar se, de fato, tal tradução (retextualização) funcionou de acordo com a intenção pretendida, e se o ensino de inglês do nível médio dá suporte suficiente para o entendimento da questão.

Certamente, os estudantes, ao se depararem com tal questão, devem ter estranhado o uso da “tradução” numa questão como essa (de vestibular), pois essa prática não é muito comum nos livros didáticos de língua inglesa. Como veremos na parte 4.1 deste estudo, a tradução, de uma maneira geral, é muitas vezes utilizada de forma equivocada e não como recurso didático – essa afirmação é embasada na observação de materiais didáticos para o ensino de inglês como língua estrangeira para o nível Médio, e também na prática como docente nesta área. Adiante, discutiremos melhor essa abordagem.

Considerações Finais

Esta análise baseou-se na hipótese defendida por Neuza Gonçalves Travaglia de que a tradução é uma Retextualização e seu processo deve ser explicado pelos critérios de textualidade. Para isso, usou-se como base teórica para a análise a classificação desses critérios feita por Beaugrande e Dressler (1981).

Os resultados encontrados apontam para alguns critérios de textualidade como determinantes nas escolhas do tradutor (a intencionalidade e a aceitabilidade, por exemplo) e, também, o sentido como um elemento que vai ser sempre reconstruído à medida que se façam novas leituras e de acordo com o conhecimento de mundo do leitor-alvo.

Além disso, é primordial que se enfatize também os fatores pragmáticos na tradução como determinantes para essa ação. Também não se pode deixar de lembrar que a escolha vocabular vista nas traduções mostradas praticamente “interferiram” na função que os fatores desempenham, causando assim uma ação inversa do esperado.

Referências

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. Revisão técnica, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. Vários tradutores. São Paulo: Cortez, 2008.
- BEAUGRANDE, R. de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex, 1997.
- BEAUGRANDE, R.de & DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981.
- CATFORD, John Cunnisson. *Uma teoria lingüística da tradução*. São Paulo: Cultrix, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980. Tradução de *A linguistic theory of translation*, Oxford University Press, 1965.
- COSTA, W. C. *The translated text as re-textualisation*. In: M. Coulthard (Ed.) *Ilha do Desterro: Studies in translation/ Estudos de tradução*. Florianópolis: Editora da UFSC (1992a).
- DELISLE, Jean. *L'Analyse du discours comme méthode de traduction théorie et pratique*. Initiation à la traduction française de texts pragmatiques anglais. Ottawa: Éditions de l'Université d'Ottawa, 1984.
- _____. *A história da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através do software multimídia e multilingüe*. Gragoatá, n.13, 2º semestre/2002, p. 25-34. Niterói.
- DERRIDA, Jacques. *Torre de Babel*. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002 [1985].
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- _____, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____, I.V. *Intertextualidade e Polifonia: um só fenômeno?* Revista D.E.L.T.A, 7:2 (1991): 529-543.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L.A. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 296 p.

MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. Do francês por Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

NIDA, Eugene. *Toward a Science of translation*. Leiden: J.B. Brill, 1964.

PAZ, Octavio. *Traducción: literature y literalidad*. Barcelona: Jusquets, 1981.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução Retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. São Paulo: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2003, 239 p.

UENF. *Vestibular 2009, 1º e 2º semestres*. Caderno de Provas. 2008.